

UM DEDO DE PROSA COM A AUTORA ELIZABETH MARTINS¹

A TALK WITH ELIZABETH MARTINS

Ana Carla Oliveira*

[na Carla Oliveira]: Fale um pouco de você.



E[izabeth Martins]: Nasci em Vitória, capital do Espírito Santo, no ano de 1952. Sou graduada em História, com licenciatura plena, na UFES em 1973. Exerci a profissão durante doze anos quando, por razões pessoais, deixei a sala de aula.

A: Quando começou a escrever e de onde veio o interesse em se tornar escritora, principalmente para crianças?

E: Sempre gostei muito de ler, incentivada pelo meu pai que era um grande leitor. A vontade de escrever veio forte em meados de 1992, quando senti necessidade de me envolver com uma nova forma de me expressar e participar de um movimento que se iniciava com a proposta de incentivar a leitura, partindo da descoberta do prazer de ler entre as crianças. Nessa mesma época me

¹ OLIVEIRA, Ana Carla. *Entrevista com Elizabeth Martins*. 30 set. 2020 [Inédita].

* Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

descobri cronista e fui publicada no jornal *A Gazeta*, entre dois ou três anos, dois anos na *Revista Hype* da jornalista Betty Feliz e em publicações eventuais da Secretaria de Cultura de Vitória.

A: Qual é o seu método de trabalho?

E: No princípio era tudo muito emocional e cheio de esperança de fazer parte de um movimento que privilegiava o conhecimento infantil. Aos poucos foi tomando um rumo mais objetivo, encarado de forma mais profissional. Me envolvi com a Educação Infantil de maneira mais completa, estudei sobre essa fase do aprendizado da criança, voltei à sala de aula como parte do projeto, levando o livro até as crianças. Assim a escrita continuou a fluir, e o trabalho cresceu em responsabilidade.

A: Você corrige o que escreve muitas vezes?

E: Sim, sem dúvida. É preciso ler e reler o texto, buscar melhores formas de expressar o que pretendo, até mesmo retomar a escrita de toda a história, por ter percebido que havia forma melhor de contá-la.

A: E o processo de mediação na escola?

E: É a parte mais importante em todo o processo, ali me doo e recebo a resposta do meu público, então percebo se o meu trabalho atingiu o objetivo: cativar as crianças para o mundo literário e seus prazeres.

A: Quais foram os escritores que influenciaram a sua formação literária?

E: O meu primeiro favorito foi Monteiro Lobato, quando o meu pai me presenteou com a coleção completa do autor, em vinte e um volumes de capa verde e títulos prateados, que passou a ser minha leitura constante desde os seis anos de idade. Na infância li de tudo um pouco, entre revistinhas infantis e autores consagrados traduzidos para o público infantil. Mas havia outra influência muito forte que vinha com a contação de histórias de minha mãe e do meu avô paterno.

A: De onde surgiu o *insight* para escrever *João, o botão*?

E: Eu queria escrever uma nova história e precisava de algo bem especial, diferente, que puxasse o interesse das crianças para a leitura. Estava pensando, passei dias assim buscando... Até que meu olhar voltou-se para um cabide de pé onde estava pendurada uma blusa e foi como se um zoom trouxesse até mim a imagem nítida de um botão. Pronto, descoberta a personagem, meio caminho andado para construir uma história sobre a vida de um botão. Assim surgiu João, o botão pensador!

A: Como vê a literatura hoje?

E: Vejo a literatura hoje em situação mais destacada que na época da minha infância e juventude, pois se você estivesse sempre com um livro nas mãos seria uma criança ou jovem esquisita, os mais velhos sempre insistindo para que fosse brincar no quintal ou passear com amigas. Passar uma tarde inteira de sábado lendo no quarto podia ser um sintoma de que algo não ia bem com você. Hoje a literatura é colocada diante de nós para prova, teste de aroma e sabor. E quem gosta pode se regalar sem culpa.

A: Para você, qual deve ser o papel do escritor de literatura infantil neste século, marcado pela invasão cibernética?

E: Continuar escrevendo, produzindo livros físicos, mas usando também as novas plataformas disponíveis no mundo virtual nas ocasiões e nos formatos possíveis. Há muita criatividade no setor cibernético, as histórias continuarão a ser contadas e a literatura estará viva.

A: O que o cenário da Literatura Infantil no Espírito Santo tem significado ao longo desses 27 anos de atividade criadora? (deixei pra você colocar os anos de dedicação à literatura)

E: Tem significado a mudança mais completa e importante na vida de uma mulher que desconhecia o próprio potencial criativo. Um cenário onde busquei espaço para levar adiante uma atividade que jamais pensei seria capaz de

desenvolver. Foi nesse cenário, numa época de experimentos, busca para a formação de mentes cada vez mais criativas, que me encontrei. Ao lado de muita gente que, na mesma vibração, me ajudou, me conduziu e me incentivou. Hoje sinto a alegria de ter vivido aquele tempo e enxergar o tempo presente da literatura infantil em nosso Estado cada vez mais potente, reconhecida e estudada nas teses de mestrado.

A: Você tem acompanhado a produção dos escritores mais novos? A escritora Neusa Jordem, também editora de livros, vem realizando um projeto que visa incentivar e valorizar a produção literária de autores capixabas, voltada ao público infantil e juvenil, além de ampliar o acesso ao livro. São textos em prosa e poema organizados em uma coletânea – LETRINHA, com a participação de autores de qualquer idade. Você conhece o projeto?

E: Sim, sempre me encanto e tenho lido excelentes histórias. Quanto a Neusa Jordem, uma escritora que admiro e pessoa muito querida, apenas posso aplaudir a atitude desbravadora e agradecer pelo projeto.

A: Além dos três livros infantis publicados, tem outros? Quais?

E: Sim, publiquei em 2014 uma coletânea de crônicas, *Introdução à leveza*, lindamente prefaciado pelo professor Luiz Guilherme Santos Neves. Bem antes, como resultado das oficinas de contos com a professora Deny Gomes, publicamos em grupo um livro de contos, *No canto do olho*, já esgotado. Atualmente trabalho na tentativa de um livro de contos bem curtos, quase flashes de diversas situações.

Um dedo de presa com a autora Elizabeth Martins

A: Faz um pouco de você.

E: Nasci em Vitória, capital do Espírito Santo, no ano de 1962. Sou graduada em História, com licenciatura plena, na UFES em 1973. Exerci a profissão durante doze anos quando, por razões pessoais, deixei a sala de aula.

A: Quando começou a escrever e de onde veio o interesse em se tornar escritora, principalmente para crianças?

E: Sempre gostei muito de ler, incentivada pelo meu pai que era um grande leitor. A vontade de escrever veio forte em meados de 1992, quando senti necessidade de me envolver com uma nova forma de me expressar e participar de um movimento que se iniciava com a proposta de incentivar a leitura, partindo da descoberta do prazer de ler entre as crianças. Nessa mesma época me descobri cronista e fui publicada no jornal A Gazeta, entre dois ou três anos, dois anos na Revista Hype da jornalista Dety Felle e em publicações eventuais da Secretaria de Cultura de Vitória.

A: Qual é o seu método de trabalho?

E: No princípio era tudo muito emocional e cheio de esperança de fazer parte de um movimento que privilegiava o conhecimento infantil. Aos poucos fui tomando um rumo mais objetivo, encarado de forma mais profissional. Me envolvi com a Educação Infantil de maneira mais completa, estudei sobre essa fase do aprendizado da criança, voltei à sala de aula como parte do projeto, levando o livro até as crianças. Assim a escrita continuou a fluir, e o trabalho cresceu em responsabilidade.

A: Você corrige o que escreve muitas vezes?

E: Sim, sem dúvida. É preciso ler e reler o texto, buscar melhores formas de expressar o que pretendo, até mesmo retomar a escrita de toda a história, por ter percebido que havia forma melhor de contá-la.

Página original do arquivo com a entrevista inédita
de Elizabeth Martins a Ana Carla Oliveira.